

Consideremos o símbolo, como ele se desenvolveu a partir da antiga religião helênica até os nossos dias. Não preciso salientar que o nosso mundo está inundado de símbolos, que vivemos num mundo simbólico e agimos dentro dele simbolicamente. E estes nossos símbolos são em parte diferentes dos símbolos das demais civilizações, não somente no seu significado, mas também em seu caráter. Existem símbolos típicos do ocidente e que caracterizam as nossas tendências espirituais talvez mais de que qualquer outro característico nosso. Vejam, por exemplo, os símbolos científicos ou os símbolos na propaganda comercial. Em primeiro lugar tentarei definir o que entendo por símbolo, para depois elaborar, como os nossos símbolos originaram dos gregos.

Por símbolo entendo um objeto, visível ou audível, que representa, intende, substitue um outro objeto, em outras palavras, o símbolo mostra com o dedo para um outro objeto, ele significa algum outro objeto. O símbolo tem uma significação outra que não é si mesmo. A significação dos objetos que não são símbolos é eles mesmos, ou, pode-se dizer também, os objetos não simbólicos não significam nada. Toda a significação provém dos símbolos, se o mundo tem algum significado, este é simbólico, é devido aos símbolos. O significado dos símbolos é convencionalizado por um grupo de homens e em seguida reconhecido por esse grupo, mas irreconhecível por membros de grupos estranhos, em outras palavras, o significado dos símbolos é segredo e misterioso. Entre todos os animais somente o homem tem a capacidade de produzir símbolos, e, em consequência, somente para o homem tem o mundo um significado. O que nada significa, não pode ser compreendido, pode ser, no máximo, vivido como experiência brutal, portanto somente os símbolos entre todos os objetos podem ser compreendidos, e os animais não tem compreensão. Os símbolos mais importantes e mais comuns são as palavras, e as línguas são sistemas fechados de símbolos que significam, no seu total, o mundo inteiro. (É uma tese predileta do meu pensamento que, em consequência do exposto, toda procura de conhecimento deve por necessidade se restringir a análises da língua. Mas este é um problema alheio a este tema.) - Os pensamentos não expressos em palavras, (se os há) são também símbolos, intendem também outra coisa, e tem, em consequência, um significado. Os pensamentos são portanto símbolos invisíveis e inaudíveis, mas eu duvido da existência de pensamentos sem palavra e mantenho a definição do símbolo como objeto visível ou audível, pelo menos para a visão e a audição interna. Os objetos que não são símbolos não podem ser compreendidos e portanto fogem ao nosso alcance, eles tem uma existência fugaz e efêmera, correm como água. Os símbolos podem ser compreendidos e aprendidos, eles são prisioneiros aprendidos por nosso espírito e, em consequência, prendem ao nosso espírito de certa forma os objetos fugazes, que significam. Se é que apercebemos algo do mundo fugaz dos objetos, isto se deve graças aos símbolos que aprendemos. Acho que não preciso demorar mais com a importância dos símbolos para o conhecimento humano, acho que ficou demonstrada.

Na semana passada eu tentei de mostrar que os gregos eram construtores de pontes, pontífices, de um mundo, o das aparências, para o outro mundo, o mundo razoável, e chamei essas pontes de teorias. E disse que uma das teorias era simbólica, era uma ponte que tinha símbolos como pedras de construção. E, há quinze dias, eu declarei que os deuses olímpicos eram simbólicos, que significavam alguma outra coisa, Athene significava a razão e assim por diante. Mas, faz poucos instantes, eu dizia que a capacidade de simbolizar é característica de todo o gênero humano e o distingue dos animais não articulados. É portanto necessário mostrar em que diverge a maneira grega de simbolizar da maneira dos outros povos. Ela diverge, assim o creio, por seu caráter teórico, pela distância que cria entre o símbolo e o objeto fugaz, ela diverge por ser uma ponte. Os símbolos dos povos primitivos e a maioria dos símbolos dos povos orientais significam objetos. Na Grécia existe um sistema completo de símbolos que significa símbolos de símbolos que, somente em última análise, significam objetos. Vou dar um exemplo. O Deus dos Judeus não significa nada a não ser si mesmo, ele não é simbólico e não pode ser compreendido. Um deus negro significa o raio, é simbólico e pode ser compreendido. Shiva significa a destruição e pode ser compreendido à medida que a destruição aparece, ele é um símbolo de um fenômeno definível. Mas Athene significa a razão, que significa uma maneira do espírito humano.

de enfrentar o mundo, e este espirito significa o proprio homem em relação com o mundo. Athene portanto simboliza uma das multiplas relação do homem com o mundo, mas simboliza essa relação muito indiretamente, tão indiretamente que o ultimo significado do simbolo precisa ser, por assim dizer, redescoberto. Mas Athene pode ser compreendida mesmo sem o redescobrimto do seu ultimo significado. Ela tem um significado imediato, "a razão," ela tem um significado teorico, e era esse significado que interessava aos gregos. Esta distancia ^{entre} do simbolo e objeto, estes degraus sucessivos que conduzem do simbolo para o objeto (dedução), e do objeto para o simbolo (indução) todo este clima logico e racional que permeia a religião olimpica, é uma herança do ocidente e o distingue de todas as demais culturas. Sabemos que nas demais culturas o uso conciente dos simbolos resulta na magia. Na nossa cultura ele resulta na logica, ou em outras palavras: a logica é nossa magia. Nós, como todas as outras civilizações, inventamos simbolos para fazer o fluxo dos objetos fugazes parar, para congelar o mundo, nós, como todas as outras civilizações, conjuramos simbolicamente o mundo. Mas o conjuramos indiretamente, o conjuramos com teoria. Vou dar um exemplo: Quando um negro deseja que chova, ele espalha simbolicamente gotas do chão e acompanha esse ato por incantações ritmicas. As gotas simbolizam diretamente a agua de chuva, e o canto o ritmo da chuva. E por milagre, realmente chove, no dia seguinte, ou dentro de quatro semanas, mas um belo dia chove. Quando nós desejamos que Hiroshima seja destruida, espalhamos simbolicamente sinais matematicos misteriosos num papel e acompanhamos esse ato por certos ritos chamados experiencias. Os sinais matematicos simbolizam alguma coisa, mas somente muito indiretamente a destruição de Hiroshima. E podem ser compreendidos e aprendidos sem nenhuma referencia a Hiroshima. E as experiencias que os acompanham simbolizam a explosão atomica em Hiroshima e a visam, mas muito indiretamente. E o milagre se repete, como no caso da chuva a beira do Nizer Hiroshima é realmente destruida. O milagre não é nem maior nem menor, mas o clima do milagre é diferente. Não é o clima magico que prevalece, é o clima da logica rigorosa. Entre o simbolo do page e o objeto do page há um abismo profundo, que é ultrapassado por um pulo abrupto (Ursprung), pela magia. Entre o nosso simbolo e o nosso objeto há uma ponte pencil de simbolos subsidiarios, que são ultrapassados cuidadosamente passo por passo pela logica. Essa passagem cuidadosa e vagorosa esconde aos nossos olhos o abismo primordial que continua separando também o nosso simbolo do nosso objeto. No fundo é e continua ser um milagre que a bomba atomica realmente explode, de acordo com os simbolos por nós fabricados, e isto é um dos eternos problemas da filosofia da Europa. Provavelmente ainda terei oportunidade de iluminar melhor no futuro este problema epistemologico da logica, por hoje não me quero aprofundar nele.

Este caracteristico do espirito ocidental de usar os simbolos logicamente e racionalmente ao envez de magicamente ou misticamente (como a India e a China) é uma herança dos deuses no Olimpo. O pantheon olimpico é um sistema racional e logico de simbolos indiretos. Esta afirmação não é uma especulação minha que contrabandeio para o reino do olimpo, não, os gregos eram vivamente concientes da ordem simbolica reinante entre os deuses e chamaram ela de "logos". A palavra, o simbolo par excellence, é que ordena e organiza os demais simbolos, os deuses. O logos é a logica do mundo, é, por assim dizer, a contrapartida de ananke. Ananke é a ordem entre os objetos e logos entre os simbolos, e os dois são a mesma coisa, são heimarmene, a a ordem estabelecida. Este conceito de logos é, a par do conceito de pneuma, a segunda fonte do idealismo europeio, que lhe dá este cunho racionalista, tão tipico para o Ocidente. As ideias de Platon, essas mães imutaveis, que são as antepassados de todos os nossos idealismos, são, por sua vez, filhas do casamento entre pneuma e logos. E elas tem o seu carater mistico e religiosos devido ao logos, porque o simbolo é para os gregos divino. Logos é Deus, ele é a soma dos deuses olimpicos, e por causa do logos me recuso de chamar os gregos de politheistas. Para os cristãos é o logos que se tornou carne para ser o Cristo historico, o Verbo divino. Como pneuma é a terceira pessoa, assim logos é a segunda pesso da Trindade.

Palarei sobre este aspecto logico do cristianismo num futuro proximo. O que queria conseguir hoje é invocar em Vossas consciencias a origem magica, mistica e religiosa, a origem olimpica, da nossa logica e do nosso racionalismo, aparentemente tão inimigos das suas proprias raizes.

Passo agora a considerar o conceito "soter". E ligarei essas considerações ao conceito "aletheia". Ao unir assim o salvador com a verdade, estou, propositadamente, criando um clima, no qual a salvação adquire um carater logico, e a verdade um carater mistico, estou tentando recriar o clima do orfismo. E será minha tarefa de mostrar como, inconscientemente, esse clima continua pre-valectente no fundo das nossas almas. Para os antigos gregos dos misterios eleusinicos a salvação e a verdade eram dois aspectos do mesmo processo, do processo violento do salto para fóra do kiklos té geneseos. O pulo, antes de feito, se chama salvação, e depois de feito, se chama verdade. Ou, para usar uma outra imagem para descrever o mesmo processo: o salvador desvenda violentamente diante dos olhos do iniciado a face da verdade. A situação para o mista orfico é a seguinte. A roda das gerações gira diante um veu aparentemente impenetravel e projeta sobre esse veu, como diria provavelmente Platon, a sua sombra. Nós estamos acorrentados a essa roda e não vemos mais que as sombras. Mas as cadeias que nos prendem á roda podem ser quebradas (soter) e o veu rasgado (aletheia) e alcançamos sophia. O mundo, aonde gira a roda, o mundo da sombra, isto é o mundo das apparencias e das opiniões, é por nós ultrapassado e entramos para o mundo do imutavel e da sabedoria. O veu que separa esses dois mundos se chama erro, quando intacto, e verdade, quando rasgado, e o rasgar do veu se chama salvação. Conquanto o ~~veu~~ veu é intacto, os dois mundos não correspondem e nós somos presos pelas correntes da opinião, da doxia. Depois de rasgado o veu, os dois mundos correspondem e nos somos liberados pela verdade, por aletheia, para a sabedoria, a sophia. Vejam como o rasgar do veu e o quebrar das cadeias são uma e a mesma coisa. Soter e aletheia são uma e a mesma coisa. Libertação e descobrimento são uma e a mesma coisa. A procura da graça e a pesquisa científica são uma e a mesma coisa. O espirito da fé e o espirito da ciencia são uma e a mesma coisa. Pelo menos para os orficos, e no fundo também para nós, os seus posteriores. Para que sermos salvos, senão para ver a verdade? E para que ver a verdade senão para sermos salvos? É claro que esta afirmação soa falsa tanto nos ouvidos dos crentes como nos ouvidos dos pesquisadores exatos. Para os crentes uma fé condicionada á verdade não é autentica, a verdadeira fé cre no absurdo. E para o cientista uma pesquisa com finalidade predeterminada, a saber a salvação, não é autentica, a verdadeira pesquisa é isenta de preconceitos. Mas eu me esforçarei por demonstrar que essa luta entre religião e ciencia é meramente verbal, que não corresponde a uma divisão real, e que a divisão aparente desaparece diante de uma analyse mais profunda que corta o problema até a raiz do orfismo.

Começarei por analisar o nosso conceito da verdade. Ela é, para nós a correspondencia entre os dois mundos dos gregos. Uma afirmação é verdadeira quando corresponde com a realidade, isto quer dizer que a afirmação, que faz parte do mundo simbolico, (pois consiste de palavras) e portanto do mundo imutavel, corresponde com uma parte do mundo dos objetos, ou, vice versa, que uma parte do mundo objetivo corresponde com uma parte do mundo das ideias. Isto é a face grega da nossa verdade. (Deixarei, por enquanto, em suspenso, o que entendo por correspondencia, e discutirei esse conceito dificil quando tratar da harmonia.) E a verdade é, para nós, a revelação do plano divino do mundo, seja diretamente proclamada por Deus, seja inferida por nós á base da palavra divina. Isto é a face judaica da nossa verdade. A fonte da primeira verdade são os sentidos e a razão logica, a fonte da segunda verdade é a tradição e a razão intuitiva. Essas duas verdades se misturam dentro de nós, mas não se confundem. A verdade grega precisa ser procurada, desvendada, e aparece pouco a pouco. A verdade judia não pode ser procurada, ele precisa ser aceita, mantida através dos tempos para não ser esquecida, e conservada de possiveis erros de interpretação e impurezas. A verdade grega passa por uma serie de erros e aproximações até o ideal da ultima verdade. A verdade judia vem da revelação definitiva através de uma serie de comentarios até o estado precario no qual se encontra atualmente. São dois processos opostos.

não há lugar, no conceito judaico da verdade, para a salvação, porque não há lugar para um progresso da verdade. O conceito do salvador é alheio ao espírito do judaísmo. O Messias é um ungido do Senhor, ele não é um soter. Se encontramos paralelos entre o conceito cristão da salvação e certos conceitos judeus, são paralelos enganadores. O futuro da alma, dentro do Judaísmo, é uma questão puramente moral e totalmente distanciada de considerações lógicas ou epistemológicas. Mas o conceito grego da verdade clama, por assim dizer, pelo salvador, a verdade não é dada, ela é uma meta. É o conceito grego da verdade que prevalece na ciência. Se a ciência é uma disciplina á procura da verdade, então ela é uma disciplina á procura de salvação da alma. A ciência procura descobrir, no fundo dos fenomenos, as relações simples entre eles e traduzi-las em linguagem simbolica, ela procura descobrir a verdade no sentido orfico da palavra. Ela procura rasgar o veu das apparencias, procura quebrar o ciclo das sombras, para chegar ao mundo do matematicamente reversivel, isto é do imutavel. Ela quer estabelecer uma correspondencia ponto por ponto entre as apparencias e as ideias, entre os sentidos e a razão, ela quer libertar a alma dos erros dos sentidos. Ela não sómente procura o salvador, ele procura ser o salvador, ser o caminho, a luz e a vida. O conceito científico da verdade como algo a ser descoberto encerra em si o conceito da salvação irrevogavelmente. Por sua origem orfica a ciência é definitivamente comprometida com a procura violenta do soter, quer o negue, quer o tenha esquecido. Para perder este aspecto místico e religioso, a ciência precisava reformular o seu conceito da verdade, uma tentativa que muitos filosofos já ensaiaram. Mas uma reformulação da verdade dentro da ciência, por exemplo uma formula pragmática, tira toda atração a ciência para degradá-la a simples tecnologia. A fascinação que a ciência exerce sobre os espiritos do ocidente há quinhentos anos não se deve tanto ao progresso tecnico que proporciona, mas em primeiro lugar porque a ciência substitue a fé religiosa. Ela é a fé religiosa do homem moderno, justamente por encerrar, inconscientemente, a salvação entre as suas portas. Se perdermos a fé na ciência como rasgadora do veu misterioso, e se dela esperarmos tão sómente mais e melhores telefones, então a abandonaríamos com desespero e procuraríamos um outro chão para as nossas almas. É justamente isto que está acontecendo. Juntamente com a salvação, a verdade está abandonando os campos da ciência, que se está transformando em disciplina pragmática ou em tautologia. Mas a ansia da verdade não pode ser matada. Não adianta proclamar que a procura da verdade é no fundo anticientífica, porque aí a nossa resposta será: tantpis para a ciência e a procuraremos em outras partes. Somos demasiadamente orficos para não tentarmos rasgar o veu, com ou sem a ciência como ajudante.

Quanto ás nossas religiões, a situação é diferente. Toda a Idade Media é caracterizada pela tentativa da Igreja, e em escala não menor pelo Judaísmo e o Islam, de harmonizar o conceito judaico e grego da verdade, tarefa, como tentei mostrar, absurda e impossivel. Enquanto a ciência é inconciente do problema e nega a sua existencia, as religiões vém o problema e afirmam de te-lo resolvido, mas se enganam. A igreja cristão está fundamentalmente comprometida tanto com o conceito judeu da verdade como revelação quanto com o conceito grego da salvação, são dois pilares sobre os quais repousa. A situação do Judaísmo e do Islam é diferente, não é menos incomoda, talvez terei ocasião de tratar dela em outra oportunidade. Para a igreja o problema se apresenta nas chifres do seguinte dilema: aceitar a salvação junto com a verdade dos gregos, ou recusar a verdade dos gregos e perder a salvação, dois caminhos absolutamente impossiveis. Aceitar a verdade dos gregos resulta na perda da fé, recusar a verdade dos gregos resulta na perda do Cristo. O caminho toruoso da Igreja entre este Scylla e Charybdis é uma bela demonstração da luta entre gregos e judeus pela alma da Europa da qual já falei diversas vezes. São dois os caminhos pelos quais a Igreja tenta fugir do problema. De um lado ela finge de aceitar a verdade grega, mas como subordinada á verdade judia. A verdade descoberta, afirmam os deutores da Igreja, é uma serva da verdade revelada e tem por dever corroborá-la. Se entra em conflito com a revelação, deve ceder-lhe lugar e calar-se. Se trata, evidentemente, de insinceridade. A segunda tentativa é de relegar a

verdade dos gregos ao campo do diabo e dizer que o Salvador veio justamente para libertar as almas do pecado original, isto é da verdade a ser descoberta, da verdade dos gregos. Se trata, evidentemente, de uma monstruosidade. Me explicarei melhor da seguinte forma: A primeira tentativa equivale dizer que a ciência é boa, provem de Deus, é um caminho para Deus, se não entra em conflito com os ensinamentos da Santa Igreja. Mas que deve ser abandonada, por estar em erro, se contradiz esses ensinamentos. Mas a ciência progride no seu caminho sem respeito por ensinamentos quaisquer, e precisa ser aceita ou recusada in toto. A segunda tentativa é mais refinada e equivale a dizer o seguinte: A capacidade do espírito humano de descobrir a verdade no sentido grego da palavra é real, mas é pecaminosa. Ela não conduz á salvação, se bem que conduz a verdade. Ela conduz á verdade, mas a verdade é o Inferno. Isto é uma reviravolta de valores monstruosa que não pode ser aceita por nenhum crente. Há uma terceira tentativa das religiões que tem mais êxito do que as outras duas, a saber esconder o problema atraz de toneladas de palavras ocas e altissonantes. A verdade persiste e é a seguinte: as religiões ocidentais não conseguiram separar a concepção do salvador da concepção da verdade grega, e não conseguiram harmonisar a verdade grega como verdade judaica. E isto, me parece, é a principal razão porque a humanidade branca se afastou tanto das suas religiões durante a Idade moderna.

Vou reformular o que tentei de dizer da seguinte forma: Na religião orfica a procura da salvação se confunde com a procura da verdade. Na mente dos orficos não existe problema neste sentido. No mundo moderno a ciência tentou separar a verdade da salvação por motivos a serem analisados futuramente e falhou redundantemente. E as religiões modernas tentaram a mesma separação, para fundir a salvação com a concepção judaica da verdade, e falharam da mesma forma. E a filosofia moderna está no meio, tentando concertar os prejuizos e amenizando as lutas. O resultado dessas tentativas será o mundo de amanhã, o mundo dos nossos netos.

Da mesma forma como casei os conceitos de salvação e verdade, assim também casarei os conceitos orficos de harmonia e entusiasmo. Tentarei esclarecer que também eles se escondem no fundo da nossa alma, e darei, em seguida, a análise das religiões como finda. A harmonia é uma ideia emprestada da musica, o entusiasmo é a antropofagia, mas, como espero mostrar, são parentes. Ao som da flauta e da lyra os mistos rasgavam o bode vivo, a encarnação do deus. Ao som dos sete tons da escala enchiam a sua barriga de carne e sangue divino. Era uma ação simbolica, pela qual o iniciado engolia o deus, para entrar em contacto intimo com ele, de acordo (no sentido musical) com ele. Era uma ação simbolica num sentido bem diferente dos simbolos no Olympos. O simbolo era imediato e brutal, não interferia nenhuma ponte de inferencias logicas, tratava-se de um salto abrupto para dentro do centro do mundo escondido. Era uma ação magica, mas uma magia tipicamente europeia.

ATÉ UNS ANOS ATRAS, ESTE ASPECTO DA NOVA ALMA ERA POR ASSIM DIZER EXTRA-ORDINÁRIO, NÃO FOI RECONHECIDO PELA FILOSOFIA. GRAÇAS A FILOSOFIA FENOMENAL DE HUSSERL ELE SE TORNOU UMA PARTE INTEGRANTE DO PENSAMENTO FILOSOFICO DA EUROPA. VOU DAR EM POUCAS PALAVRAS O QUE ESTE METODO DE APRENDER A REALIDADE ERA PARA OS ORFICOS, PARA DEPOIS TENTAR RECONHECE-LO NO NOSSO PENSAMENTO. — PARA O INICIADO NO MISTÉRIO EXISTIA UM ABISMO ENTRE O HOMEM E O MUNDO. O HOMEM VIVIA CONTRA O MUNDO E ERA ARRASTADO PARA A ESCRAVIDÃO. MAS A REVOLTA CONTRA ESTA ESCRAVIDÃO NÃO ERA, COMO PARA A RELIGIÃO OLÍMPICA, UMA TENTATIVA FRUSTRADA, NÃO ERA HYBRIS. AO INICIADO ERA POSSÍVEL VENCER ANANKÉ, COMO ORFÉUS VENCEU AS ERYNÍAS, E ESTA VITÓRIA ERA POSSÍVEL GRAÇAS A HARMONIA. O MUNDO VIBRA DE ACORDO COM AS MESMAS LEIS QUE FAZEM VIBRAR O HOMEM, O MUNDO VIBRA EM SYMPATHIA COM O HOMEM; E ESTAS LEIS SÃO ESTÉTICAS, SÃO AS LEIS DA HARMONIA. QUANDO VISTA A PARTIR DO MUNDO, ELAS PARECEM SER CAUSAS, E QUANDO VISTA A PARTIR DO HOMEM, ELAS PARECEM SER MORAIS, MAS NO FUNDO SÃO ESTÉTICAS, SÃO FORMAS E PODEM SER TOCADAS NA FLAUTA, E EXPRESSAS EM SÍMBOLOS MATEMÁTICOS. EM CONSEQUÊNCIA, SE O INICIADO TOCA A FLAUTA, ELE EXPRIME A SYMPATHIA ENTRE O HOMEM E O MUNDO, ENTRE O ESPÍRITO E A MATÉRIA, ELE ENCANTA O MUNDO COM O SEU ESPÍRITO, O MUNDO SE TORNA ENCANTADO. AS ANIMAS SE VIBRAM SE TORNAM DOÇES E AS PEDRAS ORÇAM, O MUNDO CORRESPONDE COM A HARMONIA DO INICIADO. MAS O INICIADO, ELE TAMBÉM SE CORRESPONDE COM O MUNDO. A OPÇÃO ENTRE HOMEM E MUNDO DESAPARECE, FUNDE O HOMEM

SE FUNDEN NA HARMONIA, O HOMEM SE TORNA MUNDO E O MUNDO SE TORNA HOMEM, O HOMEM, EM OUTRAS PALAVRAS, É DEUS. ISTO É O ENTHUSIASMO. AO COMER A CARNE DO BODE E AO BEBER O SEU SANGUE O HOMEM SIMBOLIZA ESTE RESULTADO DA HARMONIA, O DEUS DENTRO DO HOMEM, A NATUREZA ABSORVIDA NO HOMEM, O ENTHUSIASMO. ISTO É A MISSÃO DO SALVADOR E ISTO É A VERDADE: QUE O HOMEM TEM O DEUS DENTRO DE SI, TEM O PNEUMA OLIMPICO DENTRO DE SI, E QUE O PRECISA DESPERTAR ENLANTANDO-O COM A HARMONIA. POIS A HARMONIA RELE O PNEUMA NO INTIMO DO HOMEM TANTO QUANTO RELE O PNEUMA LA' TERA NO MUNDO. O SALVADOR É O DESPERTADOR DO PNEUMA, ELE É O SUPREMO TOCADOR DA HARMONIA, E A VERDADE É A REVELAÇÃO DA HARMONIA, DA CORRESPONDENCIA ENTRE O ESPIRITO E O MUNDO. - INCONSCIENTEMENTE ESTE ORDEN DE IDEIAS SEMPRE DOMINAVA O NOSSO PENSAMENTO. FALAMOS NA HARMONIA DAS ESFERAS, PROCURAMOS A HARMONIA PRE-ESTABELESCIDA DE LEIBNIZ, A CORRESPONDENCIA ENTRE AS CATEGORIAS DE KANT E A LEI EM SI, AFIRMAMOS COM NEWTON QUE DEUS É UM MATEMATICO, EM BREVE, SOMOS ENTHUSIASMAS. TODOS OS Nossos PROBLEMAS DA TEORIA DO SABER SAO, EM ULTIMA ANALISE, REDUZIVEIS AOS DISTURBIOS ORFICOS. PROCURAMOS A HARMONIA PARA ALLANÇAR O ENTHUSIASMO. MAS SILENTE HOJE O PROBLEMA APARECE EM TODA CLAREZA. SILENTE HOJE SE TORNA APARENTE ESTA NOSSA FE NA CORRESPONDENCIA ENTRE AS LEIS DO PENSAMENTO PURO E AS LEIS DA NATUREZA, A NOSSA FE É IRRACIONAL E ABSURDA NA MATEMATICA. SILENTE HOJE NOS RELEMBRAMOS QUE, AO SIMBOLIZAR MATEMATICAMENTE O MUNDO, O ESTAMOS ENLANTANDO. A FACE ESTETICA E FORMAL, E A FACE MAGICA E DE FETISO, TANTO TEMPO ESQUECIDAS, ESTAO REAPARECENDO NA MATEMATICA DE HOJE. E COMO A MATEMATICA PERMEA A CIENCIA, ENTÃO A CIENCIA, ELA TAMBEM, NOS APARECE ORA COMO FORMALISMO PURO E TAUTOLOGICO, ORA COMO FETISO. A CIENCIA, GRAÇAS A MATEMATICA, ESTA' CRIANDO UM MUNDO ARTISTICO E ARTIFICIAL, UM MUNDO ABSTRATO TANTO QUANTO A MUSICA OU A PINTURA MODERNA. E ESTE MUNDO FUNCIONA DENTRO DO MUNDO DOS SENTIDOS POR MAGIA. FUNCIONA, PORQUE ENGOLE O MUNDO DOS SENTIDOS, FUNCIONA POR ENTHUSIASMO. TAMBEM NESTA BESTE ANGULO, A CIENCIA É O SALVADOR, PORQUE PERDE A HARMONIA, A MATEMATICA, E CONDUZ AO ENTHUSIASMO, TORNA O HOMEM UM DEUS. NÃO SILENTE A CIENCIA, TAMBEM AS ARTES ORIENTAIS SAO FILHAS DO ENTHUSIASMO. VISTA ASSIM, A CIENCIA NÃO É MAIS DE QUE VIA DAS ARTES. O QUE PARA A QUANTIDADE É O SIMBOLO MATEMATICO, PARA MUSICA É A NOTA, PARA PINTURA A COR E A FORMA. SAO MUNDO HARMONICOS ARTIFICIAIS QUE CONDUZEM AO ENTHUSIASMO. O IDEAL, A ARTE TOTAL, SERIA A PINTURA E A MUSICA EXPRESSAS MATEMATICAMENTE, E A FISICA CANTADA. MAS NÃO É SÓ, TAMBEM AS RELIGIOES EUROPEIAS SAO ORFICAS NESTE SENTIDO. A IGREJA CRISTA PRINCIPALMENTE É UMA FE ENTHUSIASMICA A PROCURA DA HARMONIA. O SEU CRISTA É O SETIMO ^{DO SUPRACONHECIMENTO} CEGO DA HARMONIA MUSICAL, AONDE A ALMA VOLTAR O DEUS PARA TOCAR A HARPA. A SANTA COMUNHAO É O SIMBOLO DO ENTHUSIASMO. O AGNUS DEI É O BODE DOS NISTAS. A PROPRIA IGREJA COMO CORPO DE CRISTO É UM CONCEITO DIONISIACO, ELA PROPRIA É O BODE. PORTANTO A CIENCIA E AS ARTES SAO DO PONTO DE VISTA DA IGREJA, PARTES INTEGRANTES DO CORPO. E DO PONTO DE VISTA DAS ARTES, A FE É UMA DAS ARTES, UMA ARTE CUJA MATERIA PRIMA NÃO É A VISTA, COMO NA PINTURA, NEM O OUVIDO, COMO NA MUSICA NEM A RAZÃO PURO, COMO NA CIENCIA, MAS A ALMA JUDANA. QUANDO FOI, COMO HOJE, O FUNDAMENTO ORFICO, QUANDO A HARMONIA APARECE COMO TAUTOLOGIA OCA, ~~PERDE~~ O ENTHUSIASMO SE PERDE QUE TUDO, ARTE, CIENCIA, RELIGIÃO, PÓS OCCIDENTE.

~~FORÇO-DE~~, POR MOTIVOS OBVIOS, A ABANDONAR O TEMA. AS IMPLICAÇÕES DAS RELIGIÕES DOS GREGOS SOBRE O MUNDO DO NOSSO PENSAMENTO E NOSSAS AÇÕES SÃO INENUMERÁVEIS. AS POUCAS IDEIAS, QUE EU PESQUEI PRATICAMENTE A' ESNO PODERIAM SER MULTIPLICADAS AD INFINITUM. NA ENTANTO, ALGO QUE CONSEGUI O SEGUINTE RESULTADO: ILUSTRAR, COMO A NOVA MANEIRA DE VER O MUNDO É CONSEQUÊNCIA DA INFLUÊNCIA IRREVOCÁVEL DA RELIGIÃO GREGA. MUITAS VEZES SOMOS CONSCIENTES DESSA INFLUÊNCIA, OUTRAS VEZES A RELEGAMOS AO SUBCONSCIENTE. QUANDO UMA ANÁLISE COMO ESTA NOS FAZ RELEMBRAR AS NOSSAS ORIGENS, FICAMOS CHOCADOS. MAS POSSIVELMENTE O QUE QUISER É SALVAR, PERMITE O "GNOSI SE AUTON" QUE PARA OS GREGOS ERA A SUA MAIORIA. —

RESUMO O QUE DISSE ATÉ HOJE: DEVEITOS AOS JUDEUS O NOSSO MUNDO MORAL, AOS GREGOS O NOSSO MUNDO DA NATUREZA, AOS JUDEUS AS NOSSAS AÇÕES, AOS GREGOS AS NOSSAS ESPECULAÇÕES, AOS JUDEUS A NOSSA POLÍTICA, AOS GREGOS A NOSSA CIÊNCIA, AOS JUDEUS A RAZÃO PRÁTICA, AOS GREGOS A RAZÃO PURA. A PRIMEIRA TENTATIVA DE SÍNTESE, O CRISTIANISMO CLÁSSICO, SERÁ O PRÓXIMO TEMA.